

APRENDE-SE MELHOR ESTUDANDO COM NATIVOS? - ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA.

Julia Margarida KALVA²⁶

Aparecida de Jesus FERREIRA²⁷

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo verificar como alunos e professores se veem no processo de ensino e aprendizagem de Inglês em um contexto no qual o inglês já não pode ser visto mais como pertencente a determinados países. Para tanto, analisamos entrevistas realizadas com alunos e um professor de um centro de ensino de idiomas para a comunidade. Os autores que norteiam esse trabalho são Canagarajah (1999), Rajagopalan (2003, 2004, 2011), entre outros. Notamos que alunos e professor ainda se sentem divididos entre manter as velhas concepções acerca do ensino aprendizagem de inglês e a adoção do inglês como Língua Franca.

Palavras-chave: Inglês Língua Franca. Ensino/Aprendizagem. Falante Nativo

***Abstract:** This work aims at verifying the way teacher and students understand English teaching/learning process since the English language cannot be seen as property of any specific country. Thus, we have analyzed interviews with teacher and students of a teaching English center for the community. The authors guiding this work are Canagarajah (1999), Rajagopalan (2003, 2004, 2011) among others. We have noticed that teacher and students are torn as whether keeping old conceptions concerning English teaching/learning or adopting English as a Lingua Franca.*

Keywords: English as a Lingua Franca. Teaching/learning. Native speaker

Introdução.

A globalização estreitou os espaços geográficos como conhecíamos até então e fez com que o encontro entre pessoas de países e identidades diferentes se tornasse mais fácil, e, para que a comunicação entre essas pessoas acontecesse de forma mais prática, uma língua comum foi estabelecida: o inglês.

²⁶ Docente lotada no DELIN da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Email para contato jmkalva@gmail.com. MESTRE

²⁷ Docente lotada no DELIN da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Email para contato aparecidadejesusferreira@gmail.com DOUTORA

E não foi por acaso a escolha desse idioma. Em outros tempos o latim e o francês foram línguas usadas amplamente, entretanto não tiveram a mesma expansão que a língua inglesa. Por um lado, a língua inglesa se expandiu por motivos econômicos e sociais, primeiro pela colonização inglesa e, depois, pelo império econômico estadunidense.

Por outro lado, para essa expansão também ocorreu o avanço tecnológico, que fez com que o inglês rapidamente se espalhasse, tornando-se conhecido por diferentes camadas sociais, nas quais, mesmo aqueles que não são fluentes na língua, conseguem identificá-la e até mesmo usá-la, a exemplo de nomes de lojas e de estrangeirismos, que, mesmo sofrendo certas adaptações, são reconhecidos como inglês.

Dessa forma, a língua inglesa tornou-se uma das línguas mais faladas e difundidas no mundo. A expansão da língua foi e ainda é tão expressiva que a maior parte de seus falantes é formada por não nativos, ou seja, são pessoas que usam o inglês como segunda língua ou língua estrangeira (MOITA LOPES, 2008).

Esse crescimento na utilização do inglês faz com que a urgência de se aprender o idioma leve centenas de pessoas a buscar cursinhos, professores e materiais que lhes proporcionem o aprendizado dessa língua. E essa vontade, ou necessidade, das pessoas de aprender a falar a língua do globo despertou o interesse comercial para o fato; e a língua e seu ensino passaram a ser vistos como mercadorias. Philipson (1992) bem destaca esse ponto quando ressalta o que o diretor geral do Conselho Britânico afirmou no *AnnualReport*, de 1987/88:

O verdadeiro ouro negro britânico não é o óleo do mar do norte, mas a língua inglesa. Ela tem sido o cerne de nossa cultura e agora está se tornando rapidamente a língua global dos negócios e da informação. O desafio que enfrentamos é usá-la ao máximo (PHILLIPSON, 1992, p.49).

Assim, podemos perceber que a língua inglesa pode parecer patrimônio de certos países, como Inglaterra e Estados Unidos, e que eles, com ela, acabam por disseminar sua cultura e valores, o que pode ser percebido pela quantidade de material didático que é exportado por eles. Pennycook (1999), falando sobre o livro didático, afirma que:

Uma grande proporção de livros didáticos no mundo são produzidos em inglês e são feitos para o mercado interno de falantes de inglês (Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, etc.) ou para um mercado internacional. Em ambos os casos, estudantes ao redor do mundo não são apenas obrigados a alcançar um alto nível de competência em inglês para terem sucesso em seus estudos, mas também acabam sendo dependentes da forma como o conhecimento ocidental, qual apresenta valores limitados e extremamente desapropriados ao contexto local, é apresentado (PENNYCOOK, 1999, p.20).

Além dessa questão dos livros didáticos é preciso mencionar também os intercâmbios e as escolas especializadas que atraem centenas de milhares de alunos que esperam falar corretamente o inglês – afinal estão aprendendo com os nativos! E, com isso, muitas crenças sobre o ensino-aprendizado desse idioma são criadas, sendo então perpetuadas tanto pela mídia quanto pelos livros didáticos, com representações que privilegiam o nativo o que acaba influenciando as pessoas a pensarem que precisam ser como o falante nativo ideal.

Sendo assim, percebe-se que ainda é muito forte a noção de que para se falar bem o inglês é necessário que se aprenda com o falante nativo ou com quem já morou no estrangeiro, fazendo, muitas vezes, com que o professor/aluno não se sintam tão confiantes durante a aprendizagem, porque não estão estudando com professores nativos ou mesmo porque não podem ir ao estrangeiro para estudar.

Para tanto, o trabalho aponta como professores e alunos de uma instituição de ensino de línguas estrangeiras se sentem com relação à aprendizagem/ensino de inglês com professores nativos ou não.

Para melhor visualização do trabalho ele será dividido em 3 seções. A primeira seção se refere ao Inglês como Língua Franca, no segundo trago a metodologia do trabalho, no terceiro apresento a análise dos dados relacionando questões de crença e imperialismo linguístico presentes no discurso de alunos e professor, por fim teço algumas considerações finais sobre o tema.

O Inglês como Língua Franca

O inglês, muitas vezes, é ligado a países como os Estados Unidos e a Inglaterra, e, além disso, esses países são vistos como falantes de uma língua homogênea, na qual apenas conseguimos ver diferenças de um país para outro (ou falo inglês estadunidense ou britânico), desconsiderando que, mesmo dentro desses países, há centenas de outros sotaques e até mesmo outras línguas. E essa imagem de homogeneidade é vendida para o mundo por meio de seus livros didáticos, cursos e discursos.

E essa crença de homogeneidade não é privilégio da língua inglesa. Mesmo no Brasil, onde mais de 180 línguas são faladas e que sotaques dos mais diversos são encontrados, ainda temos um imaginário nosso de que todos falamos o português-brasileiro. Tal pensamento foi iniciado com a

formação da concepção do Estado-nação, que previa a língua como uma das formas de unir pessoas diferentes, mas que falavam a mesma língua, em um lugar comum: a nação (ANDERSON, 2008).

Essa união imaginada serviu, no caso da língua inglesa, tanto para a unificação interna quanto como ponto facilitador na disseminação da língua inglesa, tendo em vista que uma língua homogênea conseguia representar, de forma mais precisa e contundente, a cultura e a identidade daquele povo, cultura e identidades que não poderiam ser aleatórias, então se escolhia a cultura e a identidade da elite dominante na época (PENNYCOOK, 1999).

Logo, o mito da língua inglesa homogênea ou padronizada, o qual teve seu início na era vitoriana, tem sua consolidação no período das guerras. Principalmente com a publicação do dicionário de inglês *Oxford*, em 1928, passou-se a dispor de maiores ramificações para a construção do discurso do inglês como língua internacional, uma vez que uma língua padronizada seria mais facilmente difundida fora das fronteiras britânicas ou estadunidenses (PENNYCOOK, 1999).

Consequentemente, a língua estrangeira (inglês) é vista como sendo padronizada e relativa aos países colonizadores, fazendo, dessa maneira com que se alimente de forma mais acentuada ainda a crença de que, para se falar bem o inglês, o aluno deve falar, e por que não, agir como o nativo da língua padrão. Isso se pode ler em Pennycook quando comenta que:

[...] Programas, então, enquanto proveem ostensivamente aos imigrantes a língua inglesa, para prepará-los à imigração nos Estados Unidos, servem para preparar centros de mão de obra que se adaptem à economia americana. Eles são constantemente orientados para a americanização dos imigrantes, um processo que assume que a sociedade americana tem pouco a aprender com a cultura imigrante e que a primeira responsabilidade cívica deles é adotar os valores, comportamentos e atitudes da sociedade dominante (PENNYCOOK, 1999, p.18)

Ou seja, a língua acaba sendo veículo de colonialismo, pois acaba por julgar a cultura do outro pela cultura tida como a normal, moderna, tecnológica e de primeiro mundo, diferente da cultura local do aluno, que, muitas vezes, é representada como tradicional, exótica e em desenvolvimento.

A cultura e a identidade local do aluno, assim, são representadas como aquelas que precisam se igualar às que a língua inglesa representa, para que também passem a possuir as qualidades apresentadas pela cultura/identidade padrão. Portanto, a concepção de inglês como língua estrangeira deve ser repensada, posto que, como vimos, o idioma inglês acaba por não representar uma língua que pertence a todos, mas, sim, uma disseminação da cultura estadunidense/britânica.

Apesar de a língua inglesa como estrangeira ainda ser apresentada como uma forma de colonialismo, muitos pesquisadores já veem uma mudança na forma como a língua inglesa é

considerada. Moita Lopes (2008), Assis-Peterson e Cox(2007), Rajagopalan (2003), Canagarajah (1999), entre outros, discutem essa questão, apontando que o mundo está ficando cada vez mais multilíngue, e com isso outras línguas também passam a ter espaço e o próprio inglês começa a ser visto através de pensamentos locais, e então a supervalorização da cultura/identidade do inglês padrão do nativo deixa de ser tão marcante. Além disso, pode-se perceber a intensificação do uso do termo *world English*(inglês global) ou *Englishes*(vários tipos de inglês) ou como *língua franca*, como bem ilustra Moita Lopes (2008):

Essa questão que nos introduz a uma visão performativa das línguas também remete aos usos criativos que as pessoas, cada vez mais, fazem de outras línguas e outros discursos e culturas, sem prestar contas de tais usos a quem quer que seja, a não ser a seus próprios projetos identitários e suas performances em suas ações cotidianas, à luz dos outros que as circundam e, claro, orientadas por contingências macro-sociais (MOITA LOPES, 2008, p.80).

Então, podemos perceber que a noção de que inglês correto é aquele que se iguala ao do nativo (da elite) já está sendo questionada: “[...] o falante nativo parece ter perdido a prerrogativa exclusiva de controlar a padronização” (PENNYCOOK, 1999, p.10). Dessa forma, deixa-se que o idioma seja permeado por características locais, o inglês e seu ensino conseguem deixar de ser vistos como língua estrangeira e toda voltada a uns poucos países dominantes, para ser mundial, hibridizada, que mescla o global com o local. (cf. MOITA LOPES, 2008; ASSIS-PETERSON; COX, 2007; SIQUEIRA, 2011).

Dentro dessa discussão cabe ressaltar a diferença que vem tomando força ultimamente com relação ao inglês como língua estrangeira e língua franca. Salles e Gimenez salientam que “[...] a transição de falantes de inglês de língua estrangeira para segunda língua vem crescendo tão rapidamente que já se pode esperar um grande número de variedades linguísticas de falantes não nativos” (SALLES; GIMENEZ, 2010, p.27), variedades que não podem ser deixadas de lado, pois estamos presenciando uma nova concepção de língua: a *glocal*, onde se fala o inglês para a comunicação com pessoas que não têm línguas em comum, porém preservam suas identidades locais (PAKIR, 1997).

Pakir (2009) faz uma clara distinção entre dois momentos do ensino-aprendizagem de inglês no mundo; para ele, a princípio, temos um inglês como língua estrangeira, que ainda apresenta o inglês padrão baseado em países como Estados Unidos, Bretanha, Austrália entre outros, como sendo aqueles que devem ser copiados mundialmente, e o inglês como língua franca, o qual enfatiza a pluralidade de “ingleses”, busca o reconhecimento das variedades, aceita que as línguas mudam e se adaptam ao meio e sublinha a permanência da identidade dos falantes que aprendem o inglês.

Para melhor entender o que vem a ser *língua franca* nos utilizamos do entendimento de Siqueira (2011), que define língua franca como uma “[...] língua que em tese não possui falantes nativos, [...] é um bem comum a todos que dominam” (SIQUEIRA, 2011, p.92).

Outras nomenclaturas relativas ao fenômeno no qual a língua inglesa se encontra tais como *World English* ou *World Englishes* também estão presentes, contudo não se pode dizer que são sinônimos de língua franca.

Rajagopalan (2011) se posiciona dizendo que muitos consideram língua franca uma língua adicional, a qual se encontra presente tanto no falar corriqueiro quanto no da ciência e tecnologia, enquanto que o *World English* não prevê esse uso, posto que o mundo científico e tecnológico ainda privilegia o falante nativo em seu mundo.

Então, embora o Inglês como língua franca e o *world English* tenham semelhanças como a ideia de que o inglês se une às características daqueles que as falam, preservando identidades, o falante nativo ainda permanece em seu posto de dono da língua em algumas situações.

Percebemos nesses conceitos a forte influência política exercida pelos países que dominam os centros econômicos e tecnológicos (Estados Unidos e Inglaterra) e que conseguem por meio dessa dominação manter presente a necessidade de se falar como eles, fato que em muitos casos gera lucros para esses países, como pode ser observado anteriormente em Pennycook (1994), entre outros.

Analisando esses dois momentos, podemos perceber que a língua franca é a que mais se adapta ao contexto global em que vivemos, pois ela permite que a identidade local seja preservada. Exemplo disso pode ser visto quanto à pronúncia; nessa nova concepção, o falante pode preservar seu sotaque sem que seja visto como alguém com falta de conhecimento (SALLES; GIMENEZ, 2010). Cabe também lembrar aqui que o global mencionado não se refere apenas aos países do centro (EUA, Austrália, Bretanha), mas, sim, multiculturalidade que a globalização proporciona.

Metodologia

O ambiente escolhido para a pesquisa é um curso de extensão de línguas estrangeiras oferecido por uma universidade do Sul do Brasil e que é voltado para a comunidade – o curso funciona como um instituto de línguas, no qual podem ser encontrados cursos que vão desde o iniciante até o avançado. Nele pessoas com mais de 17 anos podem ingressar e concluir seus estudos dentro de quatro anos. O custo das mensalidades é de R\$ 140 reais pelo semestre, mais o material didático, sendo que o utilizado atualmente é o *English File*. Os professores que ministram as aulas

são os acadêmicos do curso de Letras da própria instituição, geralmente alunos do terceiro e quarto anos.

O método de trabalho utilizado tem como ministrantes e responsáveis pela condução das aulas acadêmicos do curso de Letras que se candidatam e passam por uma seleção, os quais são orientados didático-pedagogicamente pelos professores coordenadores da área da língua com que trabalham.

As aulas são presenciais expositivas com utilização de multimeios. A abordagem que prevalece é a comunicativa com ênfase na prática significativa, na qual ocorre a integração da forma e da função da língua.

O grupo que é analisado faz parte do que se chama inglês intermediário ou nível 3 ou 4. A escolha desses sujeitos se deu devido ao número reduzido de alunos, característica que possibilita uma melhor visualização do que acontece em sala de aula.

O curso tem início no nível 1 com 20 alunos, porém, com o passar do tempo, as turmas vão diminuindo até o número mínimo de 7 alunos por turma,

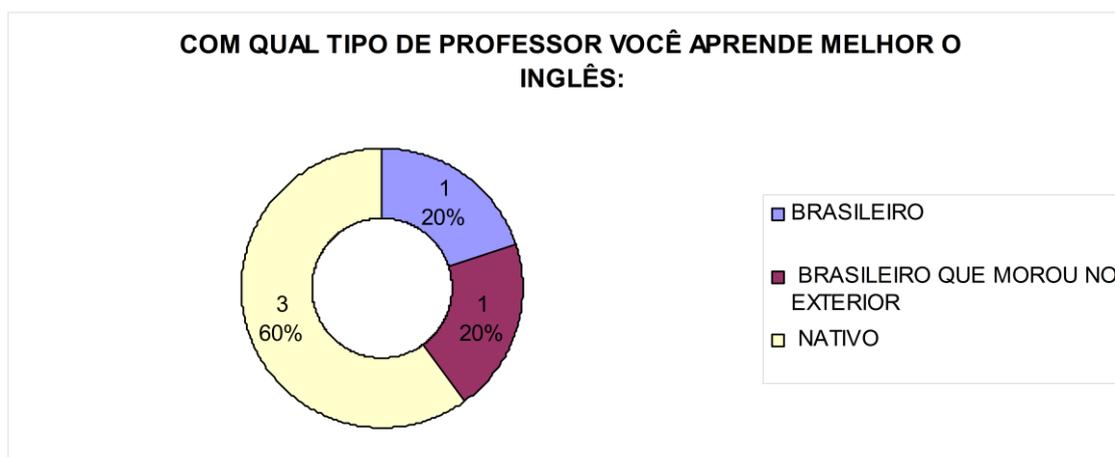
Com essas características, podemos ter uma maior percepção do que acontece, porque a quantidade de alunos não é tão grande e se pode verificar aluno por aluno e, quanto ao nível de inglês (quantidade de tempo de estudo), é importante, porque esses alunos não desistiram logo no começo do curso e têm mais bagagem para questionar, aceitar ou rejeitar dados e situações que podem ser vistos sobre o ensino de inglês, deixando transparecer ainda mais suas identidades quanto à língua aprendida.

A análise é feita por meio de uma pesquisa predominantemente qualitativa, posto que, além da interpretação do pesquisador também, serão colocados em números alguns dados. Os instrumentos utilizados foram observação, entrevista e questionários. O estudo de caso com embasamento etnográfico foi presente também nesta pesquisa, a qual faz parte de um estudo maior apresentado como dissertação.

Professor nativo x professor não nativo – visão dos alunos

Vemos que o ensino da língua inglesa é um dos grandes geradores de renda e de poder para países, por exemplo, para a Inglaterra. Esse fato nos faz refletir sobre a crença do falante nativo como detentor e padronizador da língua, ou seja, essa noção faz com que esses países continuem lucrando com o ensino do idioma, posto que oferecem cursos de aprimoramento para professores, materiais didáticos e mesmo professores nativos para ensinar inglês.

Desta maneira, vemos a seguir que os alunos realmente ainda mantêm o pensamento de que para aprender melhor é importante ter aula com professores nativos ou pelo menos com aqueles que já viveram no estrangeiro por algum tempo.



Fonte: entrevista realizada em 26 de abril de 2011

Figura 1 Melhor professor de inglês.

Paola comenta desta forma sua opinião a respeito do professor nativo:

<i>Fragmento 1</i>	<i>ENTREVISTADORA: E ter aula com o professor nativo você acha que é melhor do que ter aula com o professor brasileiro? Ou é indiferente?</i>
	<i>PAOLA: Bom, eu nunca vivenciei essa experiência também, como que seria... Eu falo do brasileiro. Por exemplo, os professores que eu tive... Eu passei por cinco ou seis professores, por vários professores desde que eu entrei aqui no Clec... E os que eu gostei mais até então foram os que foram para lá os que ficaram um tempo lá.</i>
	<i>ENTREVISTADORA: Por quê</i>
	<i>PAOLA: Há menos dúvidas... entende?</i>
	<i>ENTREVISTADORA: Como assim?</i>
	<i>PAOLA: Às vezes uma palavra que você viu num filme você pergunta... Pra eles falarem eu vou pesquisar pra você depois eu vejo... Isso claro que também professores que não foram, ou sei lá que também são nativos também não vão saber... Mas por exemplo meu namorado teve aula com um professor nativo de lá... Ele veio pro Brasil porque a mãe dele veio de lá e ele teve aula com esse professor e falou que era muito bom. Ele falou que como ele tava num nível muito alto... Essa que é a desvantagem você só vai conseguir ter aula com um professor desses num nível alto porque a compreensão do português dele não é muito grande, mas em compensação a do inglês é muito grande. E ele teve aula com esse professor e disse que o nível de compreensão dele evoluiu muito, aí ele foi para uma professora brasileira que morou lá por três, quatro anos e ele falou que baixou muito o nível. Porque aquele professor que ele tinha sabia muito. Falava muito dos costumes, comparava com os costumes daqui e como ele tinha uma mãe brasileira ele sabia o português só não sabia muito o vocabulário, então ele pensava em uma palavra em inglês pra fala em português e ele não sabia, e os alunos achavam engraçado porque era um nativo americano tentando se inserir na nossa sociedade nosso costume.</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abril de 2011</i>

Vemos que, para a aluna, ter o contato com o estrangeiro parece aumentar o conhecimento do professor com relação à língua, ampliando também a qualidade das aulas, como pode ser visto no trecho negrito do fragmento 1. Vale ressaltar que a aluna não conta uma experiência vivenciada

por ela, mas sim por seu namorado, o qual parece concordar com a premissa de o professor nativo ser melhor.

Além disso, a aluna afirma que o professor brasileiro muitas vezes demora em responder aos questionamentos relacionados à cultura e vocabulário, coisa que o nativo teria menos dificuldade, pois ele conheceria a cultura, expressões próprias do falante nativo. Nesse contexto, nota-se que a noção da existência de uma língua homogênea permeia o imaginário do aluno, fazendo com que ele sinta a necessidade de dominar essa variedade para poder ter fluência; fato que é desmistificado pela linguística quando se fala em variedades linguísticas.

Marli e Djei concordam com Paola em relação a se ter uma língua homogênea e que é necessário que se conheça até mesmo suas gírias para se falar bem:

<i>Fragmento 2</i>	<i>ENTREVISTADORA: E você acha que aprende mais com o falante nativo ou com o brasileiro?</i>
	<i>MARLI: Com o falante nativo eu acho.</i>
	<i>ENTREVISTADORA: Por quê?</i>
	<i>MARLI: Pelas gírias mesmo que a gente usa muitas gírias no português e aí vai muito mais fácil lá eu acho. A gente acaba decorando mesmo as palavras, mas não aprende, só decora pra falar mesmo, daí fica mais fácil do que estudar a gramática.</i>
	<i>ENTREVISTADORA: Então você acha que o professor brasileiro prioriza mais a gramática?</i>
	<i>MARLI: Acho.</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abril de 2011</i>

<i>Fragmento 3</i>	<i>ENTREVISTADORA: E pra você, ter aula com um professor nativo é melhor do que com um professor brasileiro?</i>
	<i>DJEI: Pior que eu não sei. Eu nunca tive aula com um professor que é de lá. Eu acredito que sim porque inglesas não todas as línguas tem muitas gírias muitas expressões e quando a gente tá fazendo o curso tem mania de querer traduzir na íntegra e às vezes não faz sentido porque é uma expressão cultural deles. Então acredito que teria bastante vantagem, sim, se por um lado positivo.</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abril de 2011</i>

Como vimos, Marli e Djei pensam ser essencial saber as gírias e não ficar apenas estudando gramática. Para elas há a necessidade de se decorarem as gírias, adentrar o contexto cultural do falante nativo, sem considerar que gírias podem variar de acordo com localidades em um mesmo país ou em países diferentes, como no caso do inglês, e até mesmo no tempo, ou seja, o que hoje é falado com frequência pode não mais ser entendido como tal no futuro, entre outros.

Percebemos então a preferência dos alunos por professores nativos ou que viveram no exterior e assim apresento como os alunos caracterizam os professores nativos, não nativos e aqueles que moraram ou estudaram no exterior.

Tabela 1: características apontadas pelos alunos aos professores

TIPO DE PROFESSOR	CARACTERÍSTICA
Brasileiro	Prioriza a gramática
Nativo	Fala muito rápido, traz para sala de aula mais questões culturais, o aluno consegue aprender o inglês natural do país, tem maior conhecimento sobre o inglês (ajuda em níveis mais avançados), ensina melhor o sotaque.
Brasileiro que morou ou estudou no exterior	Conhece o português (fato que nos níveis iniciais ajuda)

Fonte: entrevista realizada em 26 de abril de 2011

Ou seja, os alunos demonstram cultivar ainda a crença de que precisam semelhar-se ao nativo para falarem com fluência, entretanto parecem reconhecer que o professor brasileiro também tem seu lado positivo, pois em níveis menos avançados conseguem ajudar mais os alunos, coisa que o nativo teria mais dificuldade por não conhecer a língua e questões locais dos alunos.

Berto (2011) traz resultados que apontam para uma tentativa de mudança no quesito de o falante nativo ser melhor professor, porém conclui ser ainda muito forte essa crença, que ainda perpassa muitas escolas de idiomas, as quais veem o falante nativo como aquele que está praticamente pronto, bastando se adaptar aos moldes da escola para ser um bom professor. Situação semelhante parece acontecer com os alunos do curso, que, mesmo gostando do docente brasileiro, acreditam que o nativo tem um inglês melhor.

Estudar no exterior ou no Brasil – na visão dos alunos

Como apontado anteriormente, há grande propaganda feita para que alunos e professores façam intercâmbios e busquem estudar no exterior para aprimorar seu inglês (fato que remete, mais uma vez, ao imperialismo linguístico britânico-americano). Entretanto, o ensino como Língua Franca tenta desmistificar a necessidade de se estudar no país nativo da língua para aprendê-la. Como pode ser visto nos fragmentos abaixo, essa tentativa parece estar, contudo, ainda no começo quando se pensa no curso de línguas para a comunidade.

Fragmento 4	<i>A2: Eu acho, na verdade é uma coisa que eu tenho pensado em fazer porque tem um custo muito alto, não é uma coisa que qualquer um pode fazer... Exige bastante planejamento, mas considerando meu histórico de inglês que é muito de ouvido... Bom pra mim eu acho que trabalhar três meses nos Estados Unidos ia ser pro meu conhecimento melhor do que fazer o melhor curso aqui no Brasil. Porque é a questão do ouvir mesmo porque quando você aprende o português, a gente não aprende as regras simplesmente sabe o jeito certo de falar e não fica pensando o pretérito perfeito e tal e o que eu aprendi de inglês até hoje foi assim eu não fico pensando na regra. E no meu caso assim que aprendi de ouvido estudar lá é meio que essencial até... É melhor por pegar esse cotidiano mesmo das pessoas falando.</i>
Fonte:	<i>Observação realizada dia 19 de maio de 2011</i>

Durante a aula, os alunos comentavam fazer ou não intercâmbios e uma das alunas comenta que, mesmo sendo caro, passar três meses estudando nos Estados Unidos seria melhor do que qualquer curso no Brasil. Esse fato valida o que Pennycook e Philipson falam sobre o ganhar dinheiro com a língua conforme discutido anteriormente porque a aluna acha que, mesmo sendo caro, é importante fazer esse sacrifício para aprender bem o idioma.

Fragmento 5	<i>MELISSA: Olha, eu nunca fui, mas eu quero ir porque a experiência das pessoas que foram confere com essa afirmação, porque você ir pra uma terra que só fala inglês, querendo ou não, obriga a aprender a linguagem deles, essa imersão que eles falam... Eu concordo, acho que sim, que se você quer aprender você tem que vivenciá-lo 24 horas por dia, não só do inglês, mas de qualquer outra língua. Eu acho que ir pra lá... Pro efetivo é ideal.</i>
Fonte:	<i>Observação realizada em 19 de maio de 2011</i>

Para ela é importante estudar com nativos, mas não por necessidade de se aprender o cotidiano deles. Em seu relato parece ser ressaltada a utilidade da língua, ou seja, quando eu estou em um país no qual somente a língua inglesa é falada sinto a obrigatoriedade em falar, melhorando então a fluência.

Nos fragmentos abaixo, os sujeitos da pesquisa mantêm o pensamento de Luci, chamando a atenção para a função da comunicação que a língua tem. Nesse sentido, nota-se que os alunos parecem entender que é melhor estudar no exterior justamente porque conseguem visualizar de forma

mais efetiva sua utilização, pois irão realmente se utilizar da língua. A passagem negritada do fragmento 5 mostra bem isso:

<i>Fragmento 6</i>	<i>Professor: I think there isn't any difficult language... every language is easy... even if I don't know everything... se eu me virar ok...</i>
	<i>A1: Ah eu acho que se me jogarem lá nos Estados Unidos... Eu sei (risos).</i>
	<i>A2: Alguma coisa eu sei pedir água, comida...</i>
	<i>Professor. ok, but one day I will learn Russian... a different language...Russian...so now look at the letter B, let's read the steps about Anna... a British journalist who did an intense course to learn Polish...do you know Polish?</i>
	<i>A1: Absolutely.</i>
	<i>A: Polish é polonês, né?</i>
	<i>Professor. Polonês... E como que eles falam polonês?</i>
	<i>A5: Só às vezes que sai que nem polaco, né... (imitando o sotaque de polaco).</i>
	<i>Professor. Interessante o polonês, NE.</i>
	<i>A5: Daí quando você começa não para, né... (ainda imitando o sotaque polonês).</i>
	<i>A2: Pega, né?</i>
Fonte:	<i>Observação realizada em 10 de maio de 2011</i>

Em outro momento de aula novamente vem à tona o tema estudar no país nativo da língua para aprender melhor. Em uma das unidades trabalhadas pela turma o assunto era exatamente o aprendizado de línguas estrangeiras e, nas entrelinhas do discurso apresentado pelo livro, ir ao país nativo é apresentado como importante, posto que apenas lá o aluno poderá saber efetivamente se consegue ou não ser fluente.

E, para ter certeza dessa fluência, a aluna que passa pelo teste não pode usar nenhum instrumento para ajudá-la na comunicação, tal como mímica, dicionários ou mesmo uma língua intermediária (no caso a estudante estava aprendendo Polonês e não poderia utilizar-se do inglês).

<i>Fragmento 7</i>	<i>Professor: In German is hard to tell the time...(professor falando em alemão o tempo)</i>
	<i>Professor. And what are the rules...there are some rules to do the test...what are... the rule number one...</i>
	<i>ALUNOS RESPONDENDO</i>
	<i>Professor. Not use a book or a dictionary.</i>
	<i>A5: You can't speak English...</i>
	<i>A3: No mimics...</i>
	<i>A1: Ah! Isso é uma judiação...</i>
	<i>Professor: So think about it if I send you to USA, Canada... or somewhere where speak English...with these rules and these 5 things to do... do you think that you can do that?... asking the time without mime... and can't do this even in Portugues without mime...I'm Italian, I talk with my hands... it's hard to talk without my hands.</i>
	<i>A1: It's so hard not to make mime...</i>
	<i>Professor: And what do you think about her...Anna, she was there trying to do this test...</i>
	<i>A2: She can do this if we want...</i>
	<i>Professor: Yes we can...(risos) like Obama said...now I will play...and you will see the test</i>
Fonte:	<i>Observação realizada dia 19 de maio de 2011</i>

Tendo por base os fatos acima, entendemos que o estatuto do inglês como língua franca ainda não permeia substancialmente as aulas de inglês do curso. Tanto o livro quanto os alunos privilegiam o falar com o nativo em detrimento da inteligibilidade e da comunicação, pois os sujeitos consideram ser mais importante falar sem usar recursos extras a não ser a língua-alvo e o mais semelhante possível ao nativo, justificando assim a ida a países para aprimorar-se no idioma.

Estudar com nativos e viver no estrangeiro – na visão do professor.

Saber como os alunos veem o nativo ou o estudar no país nativo é importante para entender como a crença do falante ideal influencia na forma como pensamos o aprendizado de línguas como língua estrangeira ou como língua franca, no entanto não se pode esquecer o papel do professor nesse processo, pois ele é peça-chave na manutenção ou na mudança de pensamentos no ambiente de aprendizagem, como pode ser percebido na discussão realizada no referencial teórico. Assim, trago o

dizer do professor a respeito de quesitos que, por muito tempo, permeiam o ensino de línguas, como: professor nativo é melhor e estudar no estrangeiro é importante para aprender melhor o idioma.

Para entender melhor a questão, começo trazendo o que o professor sente quando os alunos o questionam sobre sua formação, ou melhor, se morou ou não fora para aprender inglês:

<i>Fragmento 8</i>	<i>ENTREVISTADORA: E quando você tava dando aula já aconteceu de os alunos perguntarem pra você: você já estudou fora? Morou fora do Brasil?</i>
	<i>PROFESSOR: Uhum... É... Lembro de acontecer, mas não com frequência. Mas eu conto da experiência que eu tive com estrangeiros aqui no Brasil mesmo...</i>
	<i>ENTREVISTADORA: Mas isso parte mais de você ou deles mesmo? Saber se foi pra um lugar diferente...</i>
	<i>PROFESSOR: Sou eu. Costumo falar muito da cultura e daí eles perguntam se eu já morei fora... Por que... Era praticamente um pedaço dos Estados Unidos dentro do Brasil, dentro da casa era tudo americanizado.</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abril 2011</i>

Pela resposta apresentada, noto que o professor tem consciência da preferência dos alunos por professores que têm certa experiência com nativos e então se adianta ao questionamento dos alunos trazendo questões relativas a eles, contando sua vivência com um pedaço dos Estados Unidos dentro do Brasil. Essa vivência dele então parece validar seu ensino, ou seja, ele não foi aos Estados Unidos para estudar, mas conviveu com nativos, o que seria o mesmo.

Nos fragmentos abaixo o professor comenta seu pensamento em relação ao questionamento que os alunos fazem acerca do nativo e como ele se sente, bem como sua opinião sobre aprender com falantes nativos.

<i>Fragmento 9</i>	<i>ENTREVISTADORA: E quando os alunos te perguntam se você mora fora, como você se sente assim, acha legal eles querem saber assim o que é morar fora e tal?</i>
	<i>PROFESSOR: É eu acho interessante essa vontade de saber como é e tal lá fora, apesar de eu nunca ter saído do Brasil... Acho interessante porque, como se diz por aí, a maioria das pessoas que estudam inglês não vão falar com um nativo, mas você nunca sabe se a pessoa tá estudando inglês pra sair do país ou pro trabalho dela... Acho interessante que eles queiram conhecer a cultura... Como são as pessoas nativas de inglês. Porque você não sabe qual a intenção deles aprenderem inglês.</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abri de 2011</i>

<i>Fragmento 10</i>	<i>ENTREVISTADORA: Então, já que você tava falando de nativos, você acha importante estudar com nativos?</i>
	<i>PROFESSOR: Ah, não necessariamente um nativo vai saber ensinar a língua... Ele nasce, fala aquela língua é uma coisa, mas se ele é apto a ensinar é outra... É interessante ter um contato pra saber como que é... Até a questão gramatical como a gente vê no Brasil nem todo mundo fala gramaticalmente correto e a maioria dos cursos ensinam gramática... Falo por experiência própria, a maioria dos americanos não falam gramaticalmente correto também... Então é interessante pra eles verem que a gramática é importante, mas não é tudo... Dá pra se entender sem seguir todas as regras...</i>
	<i>ENTREVISTADORA: Então não é essencial o falante nativo?</i>
	<i>PROFESSOR: Não</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abril de 2011</i>

Percebo que o professor enfatiza que é relevante o aprendizado permeado pela cultura americana, mesmo mencionando que muitas vezes os alunos não irão falar com um nativo, como pode ser visto no trecho negrito acima. Além disso, no fragmento seguinte ele fala que conhece pessoas que não viajaram e falam bem, porém, assim como fez no fragmento 10, ele reforça seu aprendizado por meio da convivência com nativos, o que parece ser uma forma de dizer que se enquadra no padrão nativo.

Siqueira (2011) demonstra, em uma pesquisa realizada com alunas-professoras do quarto ano da UEL (Universidade Estadual de Londrina), que, assim como o professor participante da pesquisa, as alunas reconhecem a necessidade de trazer o local para as aulas, ou mesmo a abordagem do inglês como língua franca, todavia permanece ainda nos alunos a concepção do falante nativo ideal, a qual é trazida novamente nas falas dos alunos.

<i>Fragmento 11</i>	<i>ENTREVISTADORA: E você acha importante ir pra um país estrangeiro (nativo) pra aprender melhor o inglês ou você aprende aqui e se vira?</i>
	<i>PROFESSOR: Apesar de eu ter aprendido com nativos, por convivência eu conheço pessoas que aprenderam inglês e falam muito bem mesmo sem ter ido. Então eu acho que não é necessário ir pro estrangeiro ou aprender com um professor nativo pra falar bem.</i>
Fonte:	<i>Entrevista realizada dia 26 de abril de 2011</i>

Assim, o professor, bem como os alunos, todos cultivam a crença, mesmo que não tão explícita, do falante nativo melhor e da validação do professor por meio da vivência com o nativo, seja por meio de viagens ao exterior ou por convivência, como mencionado pelo professor.

Também se nota que o professor tem consciência da importância que os alunos dão ao professor que teve contato com nativos, daí a busca em reforçar que ele teve contato com esse nativo. Importante é ressaltar que o professor fala que não acha que os alunos irão necessariamente falar com nativos e que mesmo aqueles que não vivem com nativos podem falar bem o inglês, entretanto deixa bem claro que ele tem esse aval do nativo pela convivência, o que parece torná-lo mais apto ao cargo de professor de inglês.

Considerações Finais

Pelos dados analisados, pode-se depreender que os alunos e o professor sentem certa dualidade em relação ao sentimento de identidade nacional. Ao mesmo tempo em que o professor diz gostar do Brasil, em que defende o país dos estereótipos e em que acredita que não precisa mudar o sotaque de brasileiro para falar inglês, ele mesmo vê a necessidade de ter um sotaque mais parecido com o do nativo, principalmente o do americano.

Pensamento semelhante pode ser vislumbrado nas respostas dos alunos, que deixam transparecer suas crenças em relação ao conceito de bom professor, as informações contidas no livro didático e qual a melhor maneira de se aprender a língua (em um país cuja língua materna seja o inglês ou no próprio país dos alunos).

Nas falas dos discentes, podemos perceber a vontade da inclusão do local no ensino da língua, respeitando e valorizando a identidade nela presente. Entretanto, eles ainda mantêm conceitos que acabam ferindo essa premissa, considerando que realmente é necessário que se mantenha o sotaque brasileiro e que os estereótipos não são condizentes com o que o ser brasileiro é.

Ocorre que ainda pensam que o professor nativo é melhor e, contraditoriamente, dizem que é bom que se tenha um sotaque parecido com o do nativo, apesar de não ser essencial. E, com relação aos estereótipos, dizem não aprovar os que aparecem nas aulas.

Para o professor, assim como para os alunos, parece ainda não estar claro o que seja o ensino de inglês como língua franca, posto que muitos, apesar de acharem interessante que se tragam mais variedades do inglês para as aulas, ainda acham que precisam “polir” seu inglês e tentar entender da melhor forma possível o nativo, fato que não é tão relevante quando se pensa no ensino de inglês.

Entendemos, portanto, que discussões voltadas para o tema língua franca na formação do docente podem contribuir muito para uma aula mais incluyente, crítica e coerente com os anseios dos participantes. Tendo o professor conhecimento mais aprofundado sobre essas questões, sua voz pode colaborar para a visão crítica por parte dos alunos, os quais poderão decidir, de forma mais clara e objetiva, o porquê do seu estudo da língua inglesa, assim como (re)construir ou manter suas identidades.

Importante é ressaltar a questão do imperialismo linguístico imbricado no processo de ensino-aprendizagem. Dentro do material didático, bem como nos discursos apresentados no decorrer das aulas pelos alunos e pelo professor, vemos que os sujeitos parecem acostumados à condição de imperialismo linguístico imposta pelos países que se autodenominam donos da língua (cf. PENNYCOOK, 1999; PHILLIPSON, 1992; CANAGARAJAH, 1999).

Para eles, a questão do imperialismo linguístico presente no ensino-aprendizado de inglês parece fazer parte do aprender inglês, pois em várias passagens os sujeitos comentam que, para falar bem a língua, precisam pertencer ao contexto cultural/identitário do falante nativo, aprendendo o modo de vida e peculiaridades por eles apresentadas.

Nesse ponto notamos que o estatuto de inglês como língua franca é uma das formas de se contestar esse imperialismo, uma vez que ele favorece e valoriza a identidade local dos participantes do processo de ensino-aprendizagem e supre a necessidade apresentada pelos alunos com relação à não homogeneização do “ser brasileiro” nas aulas de inglês.

Referências

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização para além do bem e do mal. **Calidoscópio**. n.1, jan/abr 2007.p.5-14.

BERTO, P.L. English Language teaching in Brasil: Pursuing a pluricentric approach. In: Telma Gimenez, Luciana Cabrini Simões Calvo, Michele Salles El Kadri (Orgs) **Inglês como língua franca: ensino aprendizagem e formação de professores..** Campinas, SP: PontwesEwditorews, 2011. p.139-162.

CALVO, L. C.S; EL KADRI, M. S. Mapeamento de estudos nacionais sobre o inglês como língua franca: lacunas e avanços. In: Gimenez, T; Calvo, L.C.S; El Kadri, M.S (Orgs). **Inglês como Língua**

Franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores, Campinas, SP, Pontes Editores, 2011. p.17-44.

CANAGARAJAH, S. **Resisting Linguistic Imperialism in English Teaching**. Oxford: Oxford University Press. 1999.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **DELTA**, São Paulo, v. 24, n. 2, 2008 .

PAKIR, A. Standards and codification for world Englishes. In Larry E. Smith and Michael E. Forman (Eds.), **World Englishes** 2000. Honolulu: University of Hawai'i Press. 1997. p.169–81.

_____. English as a lingua franca: analyzing research frameworks in international English, **world Englishes**, and ELF. *World English*, vol. 28, n 2, 2009. p.224-235.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. London: Longman, 1994.

PHILLIPSON, R. **Linguistic imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

RAJAGOPALAN, K. Línguas Nacionais como Bandeiras Patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão. In: Silva, Fabio Lopes da. Rajagopalan, K (Org) **A Linguística que nos faz falhar: Investigação Crítica**. Parábola Editorial, São Paulo, SP 2004. p11-37.

_____. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial; 2003.

_____. O “World English”- Um Fenômeno muito mal compreendido. In: **Inglês como língua franca:** Ensino-aprendizagem e formação de professores. Telma Gimenez; Luciana Cabrini Simões Calvo; Michele Salles El Kadri (Orgs). Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p.45-58.

SALLES, M.R; GIMENEZ, T. Inglês como lingua franca: uma reflexao. **BeltJournal**. Porto Alegre. V. 1 n.1. janeiro/julho 2010 p.26-33.

SIQUEIRA, D.S.P. Inglês como Língua Franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorizado. In: **Inglês como língua franca:** Ensino-aprendizagem e formação de professores. Telma Gimenez; Luciana Cabrini Simões Calvo; Michele Salles El Kadri (Orgs). Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p.87